

## ENTREVISTA COM DANIELA MÁRCIA MEDINA PEREIRA AGAPTO<sup>1</sup>

**Entrevista e transcrição:**

Priscilla Régis Cunha de Queiroz<sup>2</sup>

**Daniela Márcia Medina Pereira Agapto** é licenciada e mestre em História pela UFC, com doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará - UECE, vinculada à Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC. Desenvolve pesquisas nas áreas de História Social, História do Brasil, Pós-Abolição e Religiosidades Populares, com destaque para os estudos sobre romarias e experiências negras no Nordeste brasileiro no século XIX e início do XX. É autora da tese "*Romarias e liberdades: Juazeiro do Norte e o pós-abolição (1860–1914)*", defendida em 2020, e tem atuação ativa em projetos e eventos acadêmicos na área de História. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7464481756910523>. E- Mail: [daniela.medina@uece.br](mailto:daniela.medina@uece.br).

**Daniela Márcia Medina Pereira Agapto** holds a bachelor's and master's degree in History from UFC, and a doctorate in Social History from the Federal Fluminense University - UFF. She is currently an adjunct professor at the State University of Ceará - UECE, affiliated with the Faculty of Education, Sciences and Letters of the Central Sertão - FECLESC. Her research focuses on Social History, Brazilian History, Post-Abolition and Popular Religiosity, with an emphasis on studies of pilgrimages and Black experiences in Northeast Brazil during the 19th and early 20th centuries. She is the author of the thesis "*Pilgrimages and Freedoms: Juazeiro do Norte and the Post-Abolition Period (1860–1914)*," defended in 2020, and is actively involved in academic projects and events in the field of History.

<sup>1</sup> Entrevista realizada virtualmente, no dia 15 de julho de 2025.

<sup>2</sup> Priscilla Régis Cunha de Queiroz é historiadora e professora adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA), onde atua nos cursos de Museologia, Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia. Doutora em História Social pela UFF, dedica-se a pesquisas sobre patrimônio cultural, memória social e cidadania, com destaque para estudos e ações em comunidades quilombolas da região do Cariri. Coordena projetos voltados à preservação da memória quilombola, à educação patrimonial e ao fortalecimento das práticas comunitárias de construção de direitos, articulando museologia social, participação comunitária e produção de conhecimento engajado. Atualmente, é Pró-Reitora de Graduação da UFCA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4506080444921335>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1933-6634>. E-mail: [priscilla.queiroz@ufca.edu.br](mailto:priscilla.queiroz@ufca.edu.br).

## 1 Poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória pessoal e acadêmica? O que a levou a se tornar professora e pesquisadora na área de história?

Lembro claramente que eu estava amamentando quando fiz o vestibular para a UFC. Me formei no ano 2000, mãe de um filho de 4 anos, Antônio. Decididamente, não foi a mesma graduação de meus colegas. Eu estava muito interessada em História, na possibilidade de ser uma boa professora. Mas, a minha rotina era muito preenchida pela maternidade, eram os primeiros anos de vida dele e este era meu foco, ali estavam meu coração e minha energia. Então foi um tempo de correria, aperto e muito apoio da minha família e de alguns colegas. Eu era uma mãe solo tentando me graduar, isso é muito complicado.

Minha vida acadêmica não foi uma trajetória linear nem planejada. Foi uma jornada de coisas que me encantaram ou me desafiaram. Ainda na graduação fiz minha primeira apresentação sobre casas de ferroviários (residências de via férrea). Eu falava um pouco da Parangaba, bairro onde nasci e no qual vivia. Foram as demolições das casas da vizinhança que me instigaram a entender todo o processo de como foram parar ali e, depois de tantos anos, foram demolidas e apagadas da paisagem. Foi este mote que me levou à construção de minha dissertação de mestrado, *A próxima estação*, defendida em 2005 na Universidade Federal do Ceará - UFC. Nela, eu dialoguei com as memórias de ferroviários aposentados. Eu trabalhava como professora do ensino médio desde a graduação, vivi um mestrado sem bolsa. Tenho que demarcar este aspecto, pois hoje isto praticamente não existe nos programas. As políticas de apoio à pesquisa mudaram muito.

Em 2009 me mudei para o Crato e passei a viver com meu companheiro Erick. Na nova cidade, assumi meu primeiro concurso para professora temporária na Universidade Regional do Cariri – URCA, onde passei a orientar e a ministrar aulas em nível superior, além de experimentar outros aspectos do fazer acadêmico. Em 2011 assumi um concurso da prefeitura de Juazeiro do Norte e abracei a experiência do Cariri com um novo ânimo. Em 2014, nasceu nossa filha Clarisse. Ela nasceu quando Antônio tinha 18 anos e já estava prestes a ingressar no ensino superior.

Naquele contexto, sair do Cariri para fazer doutorado, ficava bem complicado, mas a curiosidade e o gosto pelo ofício de historiar seguia firme e estava ramificando por outras linguagens e possibilidades, como atividades com oralidade e a concepção da exposição “Centenários em 1914”. Era o centenário da Guerra Civil (Sedição de Juazeiro), centenário do falecimento da Beata

Maria de Araújo, centenário da elevação de Juazeiro à condição de Comarca. Foi um mergulho no tempo, no alargar de horizontes que as diferentes fontes e questões provocam. Experimentei novas possibilidades de comunicar e pensar história. Uma aventura.

Foi Juazeiro do Norte meu universo de inspirações e estranhamentos. Acho que no texto da tese chego a dizer que poemas, contos, anotações sempre me vinham em Juazeiro. Não pensava que conseguiria produzir uma pesquisa. Foi em 2016 que comecei os estudos do doutorado (DINTER UFF/URCA). Defendi em plena pandemia (2020), naquele tempo “em suspenso” que todos compartilhamos. A família tornou possível vencer aquela fase desafiadora.

Aí, mais uma vez, o tema me ajudou. Recuar às primeiras romarias em busca das experiências de libertos, mergulhar nos sentidos daquele santo popular católico (Pe. Cícero), cuja imagem não falta nos terreiros de umbanda, me instigava. Aliás, ainda não tive condições de pesquisar especificamente isto. Espero que seja tema de novas pesquisas no futuro. As profundas conexões desta mística tecida nos meandros das diásporas.

Atualmente sou professora adjunta na UECE/FAEC e vivemos em Crateús. Entendo que cheguei à condição de professora e pesquisadora pelo fato de minha atenção e sensibilidade terem sido capturadas pelos meus “objetos” de pesquisa e pela necessidade da conexão humana do exercício do ensinar/comunicar história. Foi uma jornada de temas que me tocavam profundamente, dos quais eu gosto de falar. Nunca tive aquele famoso período de aversão à pesquisa. Tem colegas que relatam, não aguentar falar de um tema. Eu falo dos meus temas com muita animação, inclusive (e especialmente) fora da academia.

## **2 Como sua identidade de mulher negra influenciou suas atividades de ensino e de pesquisa?**

Devo confessar que, como muitas pessoas, eu vivia a universidade no modo sobrevivência. Eu queria “apenas” meu diploma e um emprego. A pesquisa na área da escravidão é cheia de cânones consolidados, me parecia difícil ou até inacessível por um bom tempo. Sinceramente, não imaginava minha jornada de pesquisa com este tema que me parecia hermético, difícil. Parecia um tema para a “elite”, eu não me via elite, com tempo para ler muito, além das disciplinas e chegar à conclusão do curso. Sério! Hoje entendo as armadilhas contra a autoestima da intelectual negra neste país. Eu me sentia incapaz para falar de algo que tinha tanto a ver com a minha vida e com os trânsitos de minha família.

O tema pós abolição, raça e racismo vieram no doutorado, quando eu me sentia madura e motivada para enfrentá-lo. Minha identidade me antecede. Minha marca existencial é ser uma mulher negra e nordestina. Em cada fase da vida, o sabor deste existir se aprimora. É um processo doloroso, são como partos de mim mesma, renascimentos. A História é uma paixão que virou ofício. Entender-me autora e pesquisadora faz parte de uma fase recente de autoconhecimento. Apesar de décadas com aquele primeiro diploma na mão, destilar minha voz foi um processo lento. E continua sendo!

### **3 Você atuou como Historiadora, num cargo técnico. Como foi a experiência?**

No ano de 2009 abriu concurso para Historiador na Secretaria e Turismo e Romarias em Juazeiro do Norte. A função seria atuar junto a projetos e apoio técnico em ações da prefeitura na área de patrimônio, memória e outros. Quando veio uma nova gestão (política-administrativa) o setor passou a ser Secretaria de Cultura e Romarias. Foi um espaço, ao mesmo tempo uma possibilidade de lidar com o fazer/saber histórico em uma perspectiva diferente. Transitava por práticas e rotinas até então inéditas: elaborações de pareceres, pesquisa para construção de discursos nas efemérides, levantamento sobre algum tema específico. Lembro que fiz um trabalho sobre os ranchos, outro sobre o Orfanato Jesus Maria José. Trabalhos internos, que não foram publicados, mas nos quais eu guardava o devido esmero e perspectiva de problematização pertinente ao meu papel de historiadora. Organizei exposições sobre a Sedição de Juazeiro. Foi muito marcante pensar a partir desse lugar de execução e proposição de artefatos. Nem tudo eram flores. O lado ruim é que as relações na esfera municipal são, muitas vezes, viciadas e clientelistas. Outra coisa é que era uma posição que me fazia circular por eventos e círculos de pessoas diferentes. Foi o momento em eu mais vi e sofri atos racistas, era solitário e cruel saber-me naqueles lugares.

Ao mesmo tempo, conviver e aprender, com a nação romeira, reanimava muito meu espírito. Era como se eu visse um rio magnífico e caótico de cores e de fé passando por aquele cânion pedregoso e hostil que era a burocracia municipal. E eu me encantei com aquilo. Deste encanto nasceu um projeto chamado Bem-Ditos no qual, junto com a professora Fátima Pinho, da URCA, gravávamos depoimentos de romeiros. Numa perspectiva da História oral, registramos o fluxo narrativo de dezenas de romeiros no ano de 2014. Dali nasceu a ideia do que veio a ser meu projeto de doutorado. Fiquei na prefeitura até 2016 e saí a contragosto: eles não me liberavam para o

doutorado, nem uma liberação sem remuneração seria possível. A solução, portanto, foi pedir exoneração.

Ao recordar aqueles anos e os desafios de, como mulher negra, ocupar certos espaços, entendo que muito do desejo de desnudar os tentáculos persistentes do racismo veio também de dores experimentadas, em casos que não cabe aqui rememorar e que me constroem até hoje.

#### **4 Sua tese discute racismo no pós-abolição, no contexto das primeiras romarias a Juazeiro do Norte. Como chegou ao tema?**

A tese partiu de um projeto que pretendia discutir a memória dos romeiros atualmente, aquele que mencionei, o Bem-Ditos. Partia de um conjunto de entrevistas nas quais adentrávamos no universo de memórias da comunidade romeira de Juazeiro do Norte. Essa era a proposta inicial, quando eu tentei a seleção de doutorado. Porém, quando as aulas começaram, no ano de 2016, a minha orientadora, Georgina dos Santos Silva (UFF), veio ao Ceará, era o DINTER (UFF/URCA), que nos proporcionou a chance de circular com nossos orientadores aqui no Ceará e de fazermos disciplinas em Niterói-RJ. Bem, a professora Georgina me questionou sobre a beata Maria de Araújo e um conjunto de fotografias que à época estavam expostas no Círculo Operário Católico de Juazeiro do Norte. Naquelas imagens cenas do velório do padre Cícero, algumas fotos de época, e ela percebeu a predominância de pessoas pretas ali naquelas imagens. Quem eram aqueles homens e mulheres, negros(as), naquele Juazeiro do começo do século XX? Depois de muitos momentos de conversas e reflexão, percebemos a proximidade temporal entre o anúncio intensivo do primeiro milagre em Juazeiro (março de 1889) e a assinatura da Lei Áurea (maio de 1888). Passei a dar atenção à abolição no Ceará (1884) e elaborei uma tese que cruza o cariri místico de Maria de Araújo e Padre Cícero com as tensões do pós-abolição.

Considero o coração da minha tese, o quarto capítulo. Cheguei a uma reflexão sobre a relação discurso e racismo, analisando autores diversos. Muitos dos intelectuais que relataram fatos sobre o Juazeiro apelam para a desqualificação das pessoas pelo fato de terem a pele negra ou serem “mestiços degenerados”. Era tão gritante, e repetia um certo padrão, que propus a organização de um “léxico racista”, a partir da leitura cuidadosa dos textos, com alguns temas que se repetiam. Havia uma opção consciente em desmerecer o romeiro, desqualificá-lo. O fato de ser visível a



presença de muitas pessoas pretas ali, naquele lugar, era um prato cheio para os olhares dos intelectuais imbuídos da lógica do racismo científico.

Digo no item da conclusão da tese que era difícil aceitar que a fé e a liberdade pudessem ser plenamente experimentadas por um grupo que, aos olhos de seus antigos senhores, mereciam controle vigilante e chibata. A dignidade do exercício da fé, esta coisa potente e movente é uma conquista valiosa e fundante.

Observei que as ramificações desta lógica se estendem longamente. Meu entendimento é que a manutenção da fala racista funciona como uma reafirmação de lugar de poder. A forma como ela reverbera (e se atualiza) é uma questão presente. Lembro que na minha banca de qualificação, na qual eu tive a hora de ser avaliada pela professora Martha Abreu. Na oportunidade, eu a questioneei se não seria impróprio falar de pós-abolição em fontes da década de 1940 e ela me respondeu que “se bem pensarmos, o pós-abolição não acabou ainda”.

## **5 Considerando sua pesquisa de doutorado, você poderia apontar pesquisas e autores(as) que foram/são fundamentais na sua formação enquanto pesquisadora?**

Vou tentar ser justa. Mesmo admitindo que minha memória poderá me trair. Em termos de percepção e sensibilidade com o universo romeiro, com certeza Régis Lopes, meu orientador do Mestrado e que é um dos maiores estudiosos sobre Padre Cícero e sobre o Juazeiro. Peguei o tempo do Régis como diretor do Museu do Ceará, suas inquietações sobre a linguagem do museu chegavam também na sala de aula.

Outra referência significativa foi aquela aproximação do Departamento de História da UFC com a Unicamp, no início da década de 2000. Recebemos vários professores pesquisadores e, para mim, Sidney Chalhoub foi simplesmente fundamental. Chalhoub me inspirou na aventura polifônica da experimentação da diversidade de fontes que podem construir um trabalho de História. Acho que me deixou destemida para transitar entre documentos eclesiásticos, jornais, literatura e relatórios da chefatura de polícia.

Outro autor que me inspirou muito na construção dos textos, com densa pesquisa e, ao mesmo tempo, profundidade e delicadeza, foi Francisco Foot Hardman. Autor que conheci ainda na montagem do projeto de mestrado, com sua obra *Trem Fantasma*, e que foi daqueles sobre os quais dizemos: “quero escrever assim”.

A minha orientadora na UFF foi a professora Georgina Santos, uma inspiração até hoje. Adentrar no campo da História das Religiões não tem sido fácil, tem sido um longo processo. A professora Georgina tem um olhar apurado para adentrar no campo do sagrado sem medo, estereótipos e sabendo explorar o que os documentos podem comunicar quando entendidos no contexto de sua produção. Fazer as perguntas certas e não ter pressa, escrever e reescrever e, ainda, voltar ao texto. Não pelo dito, e sim pela qualidade da comunicação que o tema impõe.

## 6 Que desafios você enfrentou ao abordar questões de raça e gênero em suas aulas?

Vou falar das minhas experiências, primeiro no Ensino Médio, onde estive por muitos anos. Busquei viver o ensino de história nesta perspectiva que envolve gênero, raça, enfim, numa perspectiva a interseccional. Primeiro, isso exige um planejamento bem estruturado, para que, no desenrolar da disciplina, nas atividades corriqueiras e cotidianas essa temática possa aparecer de uma maneira coerente e bem problematizada. No contexto das aulas de História no Ensino Médio, as ausências ou o silenciamento no material que é acessível para esses estudantes, livro didático, é evidente. Eu fazia complementações, discussões sempre que possível. Levando textos ou apresentando uma fonte de época através de slides ou compartilhamento de imagens. E isso pede planejamento. E, infelizmente, entendo que nem sempre há estrutura e condição para que o professor o faça.

Além do planejamento há a atitude do momento da aula. Durante o contato com a turma eventualmente emergiam questões recentes, que os estudantes traziam a sala. Por exemplo, uma notícia que viram, algo das redes sociais ou até mesmo casos que abalavam cidade como feminicídio ou crimes de LGBTfobia. Eram momentos nos quais a atenção estava canalizada para o tema e podíamos ir a fundo na necessária desnaturalização das violências. As restrições e limitação da carga horária da disciplina não dão espaço para que os temas emergentes cheguem na sala e sejam devidamente aprofundados. Isto sufoca o debate e é frustrante saber que poderíamos ir além, mas o sinal do intervalo já tocou. Compartilhar materiais, alguns podcasts ou outras referências ajudava nesta lacuna, mas isto ficava ali no grupo de WhatsApp da sala e poucos davam o retorno de terem assistido ou lido o material compartilhado. Estar disponível para as conversas de corredor e algumas consultas fora de sala de aula se torna uma rotina, pois ali também acontece o debate e são lançadas questões relevantes. Não vou dizer que é fácil levar esse tema para a sala de aula, não basta ter uma

boa formação acadêmica ou estar atualizado de alguns conceitos. Há de se criar uma ponte, de saber ouvir o que emerge também da fala dos estudantes. Fazer uma verdadeira tradução às vezes do que parece cotidiano, corriqueiro para entender as problemáticas historicamente construídas que atravessam fatos aparentemente isolados.

Estou na UECE/FAEC, na Licenciatura em História desde 2023. Nas aulas do nível superior, na universidade, mesmo os estudantes tendo mais maturidade e leituras, muitos passaram por disciplinas que tocaram alguns conceitos e algumas reflexões, percebo que ainda permanece a necessidade de escuta. Um cenário de angústia e silêncio às vezes aparece na sala de aula. É como um lago silencioso. Um lago muito tranquilo que não tem nenhuma ondinha e submersa nesse lago tem uma questão, uma dúvida. Sinto que, às vezes, é preciso agitar um pouco essa água para perceber as coisas escondidas ali, coisas que precisam ser ditas ou discutidas. Muito delicadamente a gente começa agitar, algumas coisas não estão evidentes por um motivo e a aula não pode “agitar” em vão esse tema. É necessário que exista uma sensação de segurança por parte do grupo que está vivendo esse momento, é necessário acolhimento também.

## **7 Quais são os principais temas que você explora em suas pesquisas atualmente?**

Tenho desenvolvido pesquisas no campo da religião e da religiosidade. Tenho realizado orientações sobre a religião de matriz africana ou a religião afro-indígena, são trabalhos recentes de estudantes aqui da FAEC. Aqui em Crateús, tenho me dedicado a pensar e discutir a atuação da Igreja Católica e sua relação com os movimentos sociais locais, é meu interesse agir na perspectiva da história social. Me sensibilizei pelos assuntos emergentes e isso tem guiado e motivado as pesquisas, leituras e até recortes temporais relativamente novos. A meta é colaborar na consolidação de um centro documental organizado e acessível sobre Dom Frágoso. Estou integrada ao Instituto Dom Frágoso (IDSAF), um núcleo local que age diretamente na documentação e apoio a pesquisa. Me somei recentemente a este grupo. Nas primeiras atividades lançamos, com apoio de estudantes, um canal do IDSAF no YOUTUBE e realizamos um evento chamado “Atuação e Horizontes do IDSAF”.

Estou encarando o desafio de fazer circular temas históricos em novos meios, e fazê-lo em diálogo com um coletivo, mantendo o fluxo do fazer/agir histórico, enquanto realizamos nossas



pesquisas. Tenho atuado na extensão com um projeto sobre literatura e memória (Lugar de Palavra), em parceria com Academia de Letras de Crateús.

Atuo ainda na iniciação artística (Pontos de Encontro) com oficinas de bordado para iniciantes. A ideia surgiu para incentivar atividades que estimulem a concentração. Observo muita dificuldade de concentração e foco nos estudantes tanto para lerem, como para escreverem. Sei que as manualidades são uma possibilidade concreta, conectada com nossas ancestralidades, e que pode levar a um despertar. Este despertar alimenta a tranquilidade tão rara e tempos de megaexposição a redes sociais. Precisamos de nossos estudantes atentos, empoderados e animados para os desafios do fazer/viver a História.

## **8 Como você percebe a relação entre a pesquisa acadêmica e a ação prática antirracista de professores/pesquisadores?**

O primeiro ponto que quero destacar é que os padrões eurocentrados governam toda a burocracia e estrutura da universidade. Disto isto, a imposição de padrões, prazos e formas é uma engrenagem opressiva. Engrenagem esta, tranquilamente, abraçada por muitos e muito pouco questionada. Moldar, enquadrar e reduzir as pessoas para que caibam dentro do padrão acadêmico me incomoda muito. Eu convivi com gigantes iletrados, com saberes que a caneta não toca e com gentes que se organizam sem mediação, burocracia ou termo. A vida abundante e complexa que alimenta meu prazer pela História, muitas vezes não cabe no produzir História.

Acho que a pergunta me pegou num dia menos otimista quanto o tema. Aproveito a deixa para dizer que saber que existe o racismo ou estar ciente do dever de combatê-lo não torna ninguém antirracista. Lidando com aspectos do ensino superior, posso trazer um pouco da construção de minha disciplina de História Antiga I. Neste campo, mantenho diálogo com os seguintes autores, especialmente ao tratar do Antigo Egito, Valentin-Yves Mudimbe (The idea of Africa), Achille Mbembe (Crítica da razão negra), Joseph Ki-Zerbo (História geral da África I/Metodologia e pré-história da África.) e Cheikh-Anta-Diop (A origem Africana da civilização). Autores com os quais não tive contato na minha formação, mas que entendo fundamentais para uma abordagem coerente do tema. Uma abordagem decolonial é imprescindível para a formação e atuação de educadores antirracistas.

Recebido em 11 de dezembro de 2025.

Aceito em 14 de dezembro de 2025.

Publicado em 20 de dezembro de 2025.